



CAPÍTULO I

Exílio

Se, ao ficar sozinho nos degraus das traseiras, Tom deixou escapar algumas lágrimas, foram lágrimas de raiva. Deitou um olhar de despedida ao jardim, e sentiu-se furioso por ter de deixá-lo; deixar o jardim e Peter. Tinham planeado passar o tempo ali de forma tão alegre.

Os jardins nas cidades são normalmente pequenos e o da família Long não era uma exceção à regra; havia uma pequena porção de terreno com legumes, outra coberta de relva, um canteiro de flores e um recanto abandonado junto da vedação das traseiras. Neste último, crescia a macieira; era grande mas dava poucos frutos, e por esse motivo os dois rapazes sempre haviam tido permissão para trepá-la livremente. Nestas férias teriam construído uma casa de madeira nos seus ramos.

Tom olhou novamente para o jardim e depois voltou para dentro de casa. Quando passava junto às escadas, gritou para cima:

— Adeus, Peter!

Houve uma resposta ininteligível.

Tom dirigiu-se para a entrada da frente, onde a mãe o esperava com a mala de viagem. Estendeu a mão para a mala, mas a senhora Long reteve-a por instantes, exigindo primeiro a sua atenção.

— Sabes, Tom — disse ela, — não é agradável para ti seres forçado a ir embora a fim de evitar o sarampo, mas também não é agradável para nós. O teu pai e eu sentiremos a tua falta, e o mesmo vai acontecer com Peter. Como deves imaginar, Peter não está a ter uns dias muito bons, de cama com sarampo.

— Não disse que vocês iam ter uns dias agradáveis sem mim — exclamou Tom. — O que eu disse foi...

— Shiu — murmurou a mãe, olhando além dele para a estrada o carro que esperava e o homem ao volante. Deu a mala a Tom, e depois inclinou-se para ele, puxando a gravata para tapar o botão do colarinho e aproximando os lábios do seu ouvido.

— Tom, querido Tom... — murmurou ela, tentando prepará-lo para as semanas que se iam seguir, — lembra-te de que vais ser uma visita, e tenta por favor... oh, o que posso eu dizer... tenta ser *bom*.

Deu-lhe um beijo e empurrou-o levemente em direção ao carro; depois seguiu-o. Enquanto Tom entrava, dirigiu-se ao condutor.

— Dá um beijo à Gwen — pediu, — e diz-lhe, Alan, como estamos agradecidos aos dois por ficarem com o Tom assim, quase sem aviso. É muito amável da vossa parte, não é, Tom?

— Muito amável — repetiu Tom com amargura.

— Há tão pouco espaço numa casa — disse a senhora Long, — quando alguém está doente.

— Nós ficamos contentes por ajudar — disse Alan.

Pôs o motor a trabalhar.

Tom baixou o vidro da janela do lado da mãe.

— Então, adeus!

— Oh, Tom! — Os lábios dela tremeram. — Tenho tanta pena... estragar o princípio das tuas férias de Verão desta maneira!

O carro pusera-se em movimento; ele teve de gritar:

— Preferia ter tido sarampo com o Peter; preferia mesmo!

Tom acenou à mãe, zangado, e depois, sem se preocupar em trazer problemas a outra pessoa, acenou para um rosto inflamado que se

encostava à janela de um quarto de dormir. A senhora Long olhou para cima para ver o que estava lá, levantou as mãos num gesto de desespero (Peter não devia sair da cama sob pretexto algum) e correu para dentro de casa.

Tom fechou a janela do carro e encostou-se para trás, num silêncio hostil. O tio clareou a garganta e disse:

— Bem, espero que nos demos razoavelmente um com o outro.

Não era uma pergunta, portanto Tom não respondeu.

Ele sabia que estava a ser mal-educado, mas desculpava-se a si mesmo: não gostava muito do tio Alan, e não queria mesmo gostar dele. Na verdade, teria preferido que fosse um tio brutal. «Se pelo menos ele me batesse» pensou Tom, «então eu podia fugir e voltar para casa, e a mãe e o pai diriam que tinha feito bem, apesar da quarentena do sarampo. Mas ele nunca tentará sequer bater-me, eu sei; e a tia Gwen é ainda pior, porque gosta de crianças, e é simpática. Prisioneiro durante semanas com o tio Alan e a tia Gwen num pequeno apartamento...» Tom nunca os tinha visitado antes, mas sabia que viviam num apartamento, sem jardim.

Continuaram a viagem em silêncio. O seu caminho levou-os através de Ely; mas só pararam para Alan Kitson comprar um postal ilustrado da torre da catedral. Era para Tom. Tom ficou amargamente desiludido por não ter permissão para subir à torre, mas o tio explicou-lhe com sensatez que isso estava fora de questão: ele estava de quarentena. Não devia estar com Peter, para não apanhar sarampo; e tão pouco devia estar com outras pessoas, no caso de já o ter apanhado. Felizmente, os dois Kitson já tinham tido sarampo.

Continuaram por Ely e os Fens, e depois através de Castleford e mais longe, para onde os Kitson viviam, numa grande casa convertida em apartamentos. A casa estava rodeada por outras mais novas e mais pequenas, que pareciam aprisioná-la num mar agitado de janelas salientes, empenas e pináculos. Era a única casa grande entre elas, oblonga, feia, grave.

Alan Kitson tocou a buzina do automóvel e entrou na alameda; só que agora era demasiado pequena para ser chamada uma alameda.

— A casa tinha uma aparência melhor, creio eu, até que construíram mesmo em frente e tiveram de alargar a rua.

O automóvel deteve-se em frente de uma entrada com pilares; a tia Gwen apareceu no patamar, sorridente, e deu um beijo a Tom. Depois levou-o para dentro, e o tio Alan seguiu-os com a bagagem.

Havia lajes de pedra fria debaixo dos pés de Tom, e sentiu nas narinas o cheiro de pó velho, que ninguém se preocupava em limpar. Quando olhou em volta, teve um arrepio. O vestíbulo da velha casa não era um lugar mau nem feio, mas não era acolhedor. Ficava no coração da casa, atravessava-a da frente até às traseiras, com um desvio para a escadaria, na forma de um T: e o coração da casa estava vazio, frio, morto. Alguém tinha colocado gravuras coloridas de viagens nas paredes altas e cinzentas; alguém tinha deixado um cesto de roupa com uma lista, num canto; havia garrafas de leite vazias junto a uma porta mais longe, com um bilhete para o leiteiro; nenhuma destas coisas parecia pertencer realmente ao vestíbulo. Continuava vazio e silencioso; silencioso a não ser pela voz da tia Gwen, que falava da mãe de Tom e do sarampo de Peter. Quando a sua voz morreu por um momento, Tom ouviu o único som que continuava: o tic, e depois tic, e depois tic, do velho relógio de sala.

— Não, não lhe toques, Tom — disse a tia Gwen, quando ele se voltou para o relógio. Depois baixou a voz. — Pertence à velha senhora Bartholomew que vive lá em cima, e ela é muito esquisita em relação a ele.

Tom nunca tinha olhado para dentro de um relógio antigo e pensou que talvez fosse uma coisa a fazer mais tarde, em privado; com certeza que podia dar só uma olhadela. Agora, de costas viradas para o relógio, continuando a falar inocentemente com a tia, passou os dedos pela beira da porta da caixa do pêndulo, para tentar...

— Se a senhora Bartholomew é esquisita em relação ao relógio, porque não o tem lá em cima, com ela? — perguntou Tom, enquanto experimentava suavemente com as unhas: a porta resistia...

— Porque o relógio está aparafusado à parede na parte de trás, e os parafusos enferrujaram — disse a tia Gwen. — Afasta-te dele, Tom. Vamos para cima tomar chá.

— Oh! — disse Tom, como se não tivesse percebido que estava junto ao relógio. Depois afastou-se. A porta do pêndulo encontrava-se fechada à chave.

Estavam a subir as escadas para o apartamento dos Kitson quando, atrás deles, o relógio antigo deu uma hora, com um ênfase majestoso.

O tio Alan franziu o sobrolho e fez um comentário áspero. O relógio trabalhava bem, os seus ponteiros marcavam agora as cinco da tarde, mas raramente se decidia a bater a hora certa. Não era nada de fiar ao bater as horas, disse o tio Alan. Mais do que isso, a voz do relógio era tão penetrante que até podia ouvi-lo bater a hora errada quando estava em cima, na cama, durante a noite.

Tinham chegado ao primeiro andar, onde os Kitson viviam. Mais ao longe, uma outra escada, muito estreita, subia para o sótão onde vivia a senhora Bartholomew, que era a dona do relógio antigo e, na verdade, de toda a casa. Ela era a senhoria, e os Kitson, como os outros habitantes da grande casa, eram os seus inquilinos.

— Este é o nosso apartamento, querido Tom — disse a tia Gwen; — e este é o quarto de hóspedes, o teu quarto. Trouxe uma jarra de flores, e alguns livros para leres.

Ela sorriu, pedindo-lhe com os olhos que gostasse de ficar ali.

O quarto de Tom tinha o teto alto, mas era de tamanho médio. Havia uma segunda porta, como a da entrada. A janela, grande e com grandes painéis, era uma das que ele tinha visto do exterior. Tom tinha-se preparado para representar o papel de hóspede agradecido; mas...

— Mas há grades na parte de baixo da janela! — explodiu. — Isto é um quarto de crianças! Eu não sou um bebé!

— Claro que não... mas claro que não! — exclamou a tia Gwen, igualmente aflita. — Não tem nada a ver contigo, Tom. Esta janela tinha grades quando viemos viver para aqui. Na verdade, a casa de banho também tinha.

As suspeitas de Tom não estavam completamente dissipadas.

Quando o deixaram sozinho para desfazer as malas, antes do lanche, Tom examinou o quarto com mais cuidado. A outra porta só dava para um armário de roupas; os livros eram histórias para raparigas, passadas em colégios, da infância da tia Gwen; e depois, acima de tudo, por muito que a tia Gwen tentasse tirar-lhes a importância, estavam as grades na janela, próprias de um quarto de crianças.

Contudo, o lanche fez com que Tom ficasse um pouco mais alegre. A tia Gwen tinha preparado um lanche à moda do Devonshire, com ovos cozidos, *scones* feitos em casa, um doce de morango também feito em casa e natas batidas. Era uma boa cozinheira, e segundo dizia,